

## Lula, o revisionista

*Os responsáveis políticos portugueses sabem, agora, que Lula acusa a NATO e a UE, logo Portugal, de incentivar a guerra na Ucrânia e defende uma nova ordem contrária aos valores e interesse nacionais.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 19 de Abril de 2023**

Bolsonaro representou para o Brasil tempos de isolamento internacional. Ora, Lula quis marcar o seu terceiro mandato com o regresso do Brasil ao centro do palco internacional. E à velha política externa de neutralidade e liderança do chamado Sul Global. Essa política assegurava-lhe, em simultâneo, interesses e desígnios: as relações económicas e políticas com os diferentes parceiros estratégicos (EUA; China; UE) e o desígnio de um perfil alto na cena internacional.

Mas essa neutralidade equidistante que era fácil no princípio do século, durante os seus dois primeiros mandatos, é hoje muito difícil, num mundo dramaticamente polarizado pela rivalidade entre os EUA e a China. E levada ao extremo com a [guerra da Ucrânia](#).

Desde cedo Lula assumiu uma posição de neutralidade e um discurso ambíguo sobre a guerra da Ucrânia. Votou na ONU uma resolução que condena a invasão russa, mas condenou as sanções, recusou o envio de armas e na Cimeira das Democracias recusou-se a assinar a declaração final que condenava a Rússia por crimes contra a humanidade. Quis posicionar-se como fazedor da paz e propôs, mesmo, liderar um “clube da paz” para mediar o conflito.

Ora, um fazedor da paz, para mediar e ser credível, tem de ser aceite por ambas as partes. Mas, para isso, é preciso manter uma neutralidade estrita e uma posição equidistante. Lula jogou alto e entrou num jogo perigoso. Num mundo bipolarizado entre as grandes potências e sem vontade dos beligerantes para negociar, a margem de manobra do mediador é estreita. Arrisca um fracasso diplomático e, se fracassar, compromete o seu capital político e o lugar do Brasil no palco internacional. A visita à China pode ter sido um passo nesse sentido.

Ao contrário da visita a Washington que teve curtas 48 horas, se limitou a restabelecer relações diplomáticas e não teve consequências políticas, a visita a Pequim teve o dobro do tempo, uma enorme delegação e um profundo significado. Lula assinou 15 acordos comerciais que reforçam as relações com a China, que é já o seu maior parceiro económico. Mas o significado mais importante não é económico nem bilateral. É político e internacional. Lula mostrou interesse na tecnologia 5G chinesa e, numa provocação frontal aos EUA, visitou a Huawei que está sob sanções americanas.

Na posse de Dilma como presidente do [Banco dos BRICS](#) [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, no acrónimo inglês] criticou o sistema financeiro internacional, o papel do FMI e apelou a que os países-membros passassem a usar as suas moedas nas transacções comerciais ou adoptassem uma moeda alternativa ao dólar no comércio internacional. Ao mesmo tempo, um banco brasileiro (ICBC) detido por capital chinês realizou a primeira transacção em moeda chinesa. Finalmente, disse alto e bom som, ao que vinha: que, no relacionamento com a China, os interesses não são apenas comerciais; são interesses políticos, criar uma nova geopolítica para mudar a governança mundial. Isto é, o objectivo final é mudar a ordem internacional liberal. E a China é o seu parceiro e a única capaz de o fazer.

Diziam os teóricos que era um revisionista suave. Tornou-se, agora, um revisionista puro e duro. Na sua procura pela paz, dividiu as responsabilidades da guerra, equitativamente, entre o agressor e o agredido. Sugeriu que a Ucrânia deveria “abrir mão da Crimeia”. E acusou os EUA e a UE de fomentarem a guerra, legitimando de passagem a narrativa russa. Arriscou e talvez tenha comprometido de vez a neutralidade necessária à mediação internacional e a sua autonomia estratégica, agora mais dependente da China.

Xi Jinping é o grande vencedor desta visita: não precisou de dizer nada, porque Lula disse tudo o que a China queria e não precisou de dizer. Além de que viu o Sul Global virar-se para o seu lado. Os responsáveis políticos e a opinião pública portuguesa sabem, agora, duas coisas: primeiro, que Lula acusa a NATO e a UE e, por consequência Portugal, de ter responsabilidades e de incentivar a guerra na Ucrânia; segundo, que defende uma ordem internacional contrária aos valores e ao interesse nacional.

Lula visitará Portugal no dia 25 de Abril. Deve ser recebido com a dignidade do chefe de Estado que é, de um país com quem Portugal tem relações históricas e, hoje, importantes. Mas com sobriedade e frontalidade, deve ser-lhe explicado que agressor e agredido não têm as mesmas responsabilidades políticas e morais e que, se a Rússia parar, a guerra acaba, se a Ucrânia parar, a Ucrânia acaba. O momento para o dizer é a sua visita a Portugal. O lugar, a Assembleia da República.

<https://www.publico.pt/2023/04/19/opiniao/opiniao/lula-revisionista-2046579>